

Os imprescindíveis *nasceres* e os botões do gabão

DR. MANOEL EDUARDO ALVES CAMARGO E GOMES

Desculpe-me, leitor. Sei que o verbo *nascer*, tal como os demais verbos, não se flexiona no infinitivo pessoal quando utilizado de forma genérica, indeterminada ou sem indicação de pessoa. Poderia utilizar “nascimentos”, mas faltaria ao substantivo a noção de tempo ou de ação própria dos verbos. Assim, com sua licença, erro na escrita para não errar na ideia.

Não quero tratar aqui do nascimento ou do *nascer*, mas dos diversos *nasceres* que se sucedem ao longo de nossa vida. Afinal, quem é capaz de negar ter nascido como outro ao chegar na adolescência, ao passar para a vida adulta ou ao ingressar na terceira idade? Claro que se trata de um revolver dialético, cuja superação resultante na fase posterior não implica na morte da anterior. Afinal, sempre carregamos um pouco de nossa infância...

Mas não é desses *nasceres* cronologicamente identificáveis que pretendo falar. Tampouco desejo falar de outros *nasceres* facilmente reconhecíveis, como é o caso quando nos formamos, nos casamos, nos tornamos pais ou mudamos de nacionalidade. Esses *nasceres* são por todos conhecidos.

Quero aqui cuidar dos *nasceres* invisíveis, dos *nasceres* inconfessáveis, dos *nasceres* íntimos que nos qualificam como homens e como cidadãos: degraus de uma longa escada, que nos impõem, a cada passo, um novo nível. Os *nasceres* de que falo não estão inscritos nos documentos oficiais, em diplomas ou em certidões. No mais das vezes, são como filhos espúrios, cuja paternidade é omitida sob o pressuposto, falso ou não, de terem nascido de um erro.

Pirandello, em um conto genial intitulado *O Botão do Gabão*, oferece um bom exemplo do *nascer* a que me refiro, poupando-me do uso de um exemplo pessoal, sempre desaconselhável em ocasiões desta natureza. O protagonista do conto é Dom Felisberto, homem cuja rigidez de valores é representada pelo uso, em qualquer estação do ano, de seu gabão ou casacão inteiramente abotoado.

“E Deus sabe quanto devia custar-lhe conservar, mesmo no verão, rigorosamente abotoado, aquele seu velho capote comprido, velho, sim, mas cheio de gravidade e



“O primeiro passo” (The first step), 1876, do impressionista francês Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).

decoro, e conservar bem alta aquela sua cabeça encavada sobre o pescoço magérrimo, a fim de manter a rígida austeridade de seu porte. Queria que seu olhar, sua aparência, fossem uma séria advertência ou muda repreensão: espelho, sustentáculo, obstáculo, conselho... Sofria incrivelmente, nos dedos, ao ver alguém caminhar pela rua com o paletó desabotoado ou com o laço da gravata para fora do colarinho...”

Dom Felisberto tem sua austeridade surpreendida quando descobre que um desafeto seu estava enriquecendo à custa do patrão, Marquês Di Giorgi-Decarpi, empresário com quem se identificava e a quem admirava pro-

fundamente por administrar seus negócios com obsessiva organização e absoluto controle.

Impecável e altivo, Dom Felisberto resolve denunciar sua descoberta. Como de costume, veste seu longo e pesado gabão, rigorosamente abotoado e, com a denúncia cuidadosamente preparada, segue para a cidade do Marquês.

Admirado com a organização e a limpeza da sede da empresa, depois de passar por um labirinto de exigências burocráticas, que não apenas obedece como enaltece, consegue finalmente estar à frente do Marquês.

O relato do encontro é de humilhar as melhores narrativas. Dom Felisberto, após contar em detalhes e com muito rigor como seu desafeto vinha furtando o Marquês, com muita mesura e orgulho entrega a denúncia que tinha preparado para a ocasião. O Marquês agradece o esforço, toma o documento com uma mão e, com a outra, retira da gaveta um documento que oferece a Dom Felisberto.

Ao ler o documento que recebera, Dom Felisberto estremece: ali estavam descritos todos os crimes contidos na sua denúncia e muitos outros. Sim, o Marquês sabia de tudo o que estava em seu relato e nada fora nem deveria ser feito. Segundo o Marquês, o desafeto de Dom Felisberto, na busca de enriquecer-se, produzia mais do que todos os demais administradores honestos que se satisfaziam com seus parcos salários, beneficiando, assim, seu empreendimento.

Dom Felisberto sai do encontro desconcertado. O apego pelo certo, pelo honesto, pela organização do Marquês, morrera. O mundo parecia ter virado de ponta-cabeça. Diz Pirandello:

“A conclusão estava em suas mãos. Um botão do gabão. Ao ouvir o Marquês, ele torceu tantas vezes no peito aquele botão que, finalmente, acabara despregando-o e lhe ficara entre os dedos. Mas para que lhe serviria mais? Poderia ir muito bem pelas ruas com o gabão desabotoado... O Universo, agora, para Dom Felisberto, estava completamente e para sempre transformado”.

Eis aí um bom exemplo do nascer a que me refiro. Um nascer representado por um simples botão de gabão despregado. Ou, em outras palavras, um nascer por meio do qual surge um novo Dom Felisberto, não apenas transformado, mas que lhe transforma o Universo. Para Dom Felisberto já não importa demonstrar a rígida austeridade de seu porte, para manter uma aparência que lhe servia como advertência ou repreensão. Nasce neste Dom Felisberto não apenas uma nova subjetividade, mas uma nova postura objetiva diante do mundo que lhe permite estar com o botão do gabão na mão; que lhe permite, sem qualquer desconforto, tê-lo desabotoado.

Note, caro leitor, que neste nascer contado por Pirandello descortina-se um internalizar dialético de situações

e experiências que acabam por constituir um novo sistema de disposições duráveis, como uma verdadeira matriz que produz nossas percepções e apreciações do mundo, além de influir no modo como sentimos e agimos. É deste nascer a que me refiro, que, por ser vários ao longo de nossas vidas, chamo de *nasceres*.

Destes *nasceres* somos nós os obstetras, em partos não raras vezes muito sofridos. Porque traumáticas e sofridas são as mudanças que quebram ou sepultam partes de nós para fazer nascer o novo na forma de outros valores, visões, hábitos e posturas. *Nasceres* que nos renovam, nos aprimoram no complexo âmbito do processo de internalização de experiências nascidas das relações sociais de aliança ou de conflito, de competição ou de cooperação que mantemos com o mundo exterior.

Cá com meus botões, penso que, se fosse possível mensurar o volume e o impacto desses *nasceres*, teríamos uma boa medida para qualificar os homens: quanto mais e mais profundos *nasceres*, maior a sabedoria e melhor a compreensão de si e do mundo. Sim, porque quanto mais aprendizagem transformadora, mais *nasceres*; quanto mais *nasceres*, mais aprendizagem transformadora.

Por isso, devemos não apenas ter a coragem e a força para não abortar esses *nasceres*, mas nutrir uma mente aberta e flexível capaz de permitir o influxo traumático das lições que, em nós, batem e rebatem. Isso implica aprender a ver e ouvir o outro, sobretudo, no que se refere à real admisão da diferença, do múltiplo e do contraditório. Isso implica colocar-se, como diz Habermas, em um lugar igual de diálogo, com a disposição de buscar consenso e, sobretudo, admitir, a priori, a possibilidade de estar errado e de compreender errado. Isso implica deixar a condição de professor para assumir a condição de aprendiz em um mundo tão complexo quanto repleto de impermanências.

Claro que vivemos tempos de muitos *nasceres* gestados por esta pandemia que nos enclausura, que nos mascara e que nos impõe uma assepsia que pressupõe a permanente possibilidade de contaminação do outro e pelo outro. Dela, certamente sairão melhores todos que muitos *nasceres* permitirem. Ao contrário daqueles que, ao abortarem as mudanças reclamadas, continuarem com seus gabões inteiramente abotoados, sofrendo *“incrivelmente, nos dedos, ao ver alguém caminhar pela rua com o paletó desabotoado ou com o laço da gravata para fora do colarinho”*.

Enfim, caro leitor, que a licença que me foi aqui concedida para flexionar o verbo nascer não seja apenas gramatical. Que todos nós, nesse momento de tantas privações, admitamos, em nossas histórias, acontecer *nasceres*, muitos *nasceres*, que nos permitam ter, em nossas mãos, os botões do gabão. **❶**